

**Nome:** Ramon Taniguchi Piretti Brandão

**E-mail:** ramonbrandao41@hotmail.com

**Instituição de Ensino:** UNIFESP

**Orientadora:** Ana Lúcia de Freitas Teixeira

## FOUCAULT E A INVENÇÃO DE SI:

### UMA EXISTÊNCIA ESTÉTICA COMO ATITUDE DE LIBERDADE

No começo dos anos 80, o problema da ética – entendida como *arte de viver* – manifesta-se como um problema vital na filosofia de Foucault. O *cuidado de si* – entendido como o conjunto das experiências e técnicas que o sujeito elabora e que o ajuda a transformar-se a si mesmo – constitui o plano de uma atitude que permite ao indivíduo conduzir-se e dar forma à sua própria vida; tudo isso com o objetivo de fazer dela uma *obra de arte*.

A ideia do *bios* como material de uma obra de arte estética é qualquer coisa que me fascina. Também a ideia de que a moral pode ser uma estrutura muito forte da existência sem estar ligada a um sistema autoritário nem jurídico em si, nem a uma estrutura de disciplina (FOUCAULT, 2001, p.1209).

A atenção de Foucault, portanto, se volta para as formas que o indivíduo pode dar à sua vida, sem que isso implique em um sistema disciplinar normativo. Reconhecendo que não existe uma relação de inevitabilidade entre a moral e as estruturas políticas, sociais e econômicas, mas apenas conjunções históricas, Foucault vê, então, uma abertura à possibilidade de transformação de uma ordem até então definida como estado natural da realidade. Neste contexto, a problemática de uma *estilística da existência*, isto é, o estudo das formas de vida “pelas quais o homem se manifesta, se inventa, se esquece ou se nega na sua fatalidade de ser vivo e mortal” (FOUCAULT, 2001, p.1467), torna-se uma dimensão fundamental da ética foucaultiana. A *filosofia da arte de viver* e a fundamentação da ética num cuidado de si que se enraíza numa estética da existência prende-se à fratura de uma concepção linear do sentido e da cronologia histórica, admitindo no movimento da história “estas continuidades profundas que marcam, muitas vezes, silenciosamente, a sensibilidade e

as atitudes de toda uma sociedade” (FOUCAULT, 2001, p.1467) <sup>1</sup>. Considerando que a ligação entre o acesso à verdade e a elaboração de si por si é essencial no pensamento antigo e no pensamento estético, Foucault acredita ser possível fazer a história da existência humana como arte e como estilo. Em outras palavras, “a existência é a matéria primeira, a mais frágil da arte humana, mas é também o seu dado mais imediato” (FOUCAULT, 2001, p.1449).

Sob essa perspectiva, a *vida* apresenta-se como beleza possível e o *bios* como obra bela<sup>2</sup>. Ademais, a forma que o sujeito se atribui ao constituir-se a si mesmo, o conceito de *arte de viver* enquanto reflexão e prática da existência, a ética pensada como uma estética da existência e a capacidade de modificação do ser ligam-se a ideia de um *si* a se construir e a se criar como obra de arte.

Nous avons à peine le souvenir de cette idée dans notre société, idée selon laquelle la principale oeuvre d’art dont il faut se soucier, la zone majeure où l’on doit appliquer des valeurs esthétiques, c’est soi-même, sa propre vie, son existence (FOUCAULT, 2001, p. 1443).

Destarte, a arte de viver não se define sob nenhum tipo de obrigação moral, ela designa as formas pelas quais o indivíduo, através de um trabalho responsável sobre si, configura a sua existência, encarnando a experiência de pensar e viver de outro modo. Esta experiência requer certo cuidado “com o que existe e pode existir; um sentido agudizado do real, mas que nunca se imobiliza perante ele; uma prontidão a achar estranho e singular aquilo que nos rodeia” (FOUCAULT, 2001, p.927). A arte de viver, portanto, se afigura para Foucault como uma arte de transformar a vida. A apresentação da existência como uma obra de arte supõe a afirmação da estética como uma forma de

---

<sup>1</sup> Como escreveu Foucault em *Le souci de la vérité* (artigo dedicado à memória do historiador Philippe Ariès) no ano de 1984, “naître, grandir, mourir, être malade: choses si simples et si constantes en apparence. Mais les hommes ont développé à leur égard des attitudes complexes et changeantes qui ne modifient pas seulement le sens qu’on leur donne, mais aussi parfois les conséquences qu’elles peuvent avoir. Ariès a imaginé de faire l’analyse de ces figures complexes qui donnent forme, dans la culture humaine, à l’élémentaire de la vie” (FOUCAULT, 2001, p.1467).

<sup>2</sup> A questão de Foucault, ao mostrar que em determinado momento histórico alguns dos princípios da nossa moral estiveram ligados a uma estética da existência, não se resume a uma escolha limiar entre o nosso mundo e o mundo antigo, mas a consideração de que alguns elementos apresentados nos seus trabalhos históricos poderão ser úteis para uma confrontação com a problemática da nossa atualidade. “Ce qui m’étonne, c’est le fait que dans notre société l’art est devenu quelque chose qui n’est en rapport qu’avec les objets et non pas avec les individus ou avec la vie; et aussi que l’art est un domaine spécialisé fait pas des experts qui sont des artistes. Mais la vie de tout individu ne pourrait-elle pas être une oeuvre d’art? Pourquoi une lampe ou une maison sont-ils des objets d’art et non pas notre vie?” (FOUCAULT, 2001, p.1211).

vida, ou seja, os valores estéticos passam a constituir-se como a forma, a configuração e a transformação possível da vida. O que está em jogo na perspectivação da existência como uma obra de arte não é a procura nostálgica da autenticidade do ser do humano – o ser próprio do humano –, nem o encontro com a verdade de si mesmo como uma pura entidade, mas a realização de um trabalho sobre si mesmo que leva o sujeito a *inventar-se*. A ética se assenta, precisamente, no trabalho que um indivíduo realiza sobre si mesmo a partir de um conjunto de práticas através das quais se delineiam as suas regras de comportamento, de possibilidade de transformar-se, de modificar o seu modo de ser, isto é, de fazer da vida uma *obra*. Isso significa que a estética da existência está intimamente ligada à questão da forma, ou seja, à interrogação sobre a forma do homem e sobre as formas de vida do ser humano. Desta forma, a consideração da estética como uma forma de vida evidencia uma profunda ligação entre a arte e a vida, ou seja, entre a experiência artística e a arte de viver<sup>3</sup>.

A vida singular poderia ser o testemunho de uma obra de arte que se faz através da experiência e que, sendo a origem de modos de vida diferentes, traça uma forma dramática que se volta sobre a própria existência. “Que a vida, porque é mortal, deve ser uma obra de arte, é um tema notável” (FOUCAULT, 2001, p.1434); “A principal obra de arte com que é preciso preocuparmo-nos, a zona maior onde devemos aplicar os valores estéticos é nós mesmos, a nossa vida, a nossa existência” (FOUCAULT, 2001, p. 1443). Foucault ainda coloca a possibilidade de fazer a *história da existência como arte*: “A existência é a matéria primeira mais frágil da arte humana, mas é, também, o seu dado mais imediato” (FOUCAULT, 2001, p.1449).

Desde o interior da existência, o jogo contínuo entre a ética e a estética traça um movimento pelo qual o desejo de transformar a vida surge como condição de transformação do mundo. É a partir dessas “descontinuidades profundas que marcam, muitas vezes, silenciosamente, a sensibilidade e as atitudes de toda uma sociedade” (FOUCAULT, 2001, p.1467), que a arte de viver encarna a experiência de ser de outro modo, a possibilidade de resistência e recriação de si, a irrupção de uma singularidade aguda na existência cotidiana.

---

<sup>3</sup> “Ce qui m’étonne, c’est que, dans notre société, l’art n’ait plus de rapport qu’avec les objets, et non pas avec les individus ou avec la vie ; et aussi que l’art soit un domaine spécialisé [...] Mais la vie de tout individu ne pourrait-elle pas être une oeuvre d’art ? Pourquoi un tableau ou une maison sont-ils des objets d’art, mais non pas notre vie?” (FOUCAULT, 2001, p.1436).

**Palavras-chave:** Ética; Estética; Liberdade; Foucault

**Referências bibliográficas**

FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II*, 1976-1984. Paris: Éditions Gallimard, 2001.